
O EVANGELHO DE MARCOS: UM ROTEIRO INSPIRADOR PARA A CATEQUESE

Juan A. Ruiz de Gopegui, SJ
Belo Horizonte

1. Cristocentrismo da catequese

O eixo central da exortação apostólica de João Paulo II *Catechesi tradendae* é, sem dúvida, a insistência no cristocentrismo da catequese. É recordada uma verdade que se apóia numa experiência tão antiga quanto a Igreja, refletida já na estrutura catequética dos evangelhos, no dizer do próprio documento(1). Uma verdade óbvia que ninguém teria a ousadia de contestar. Há evidências, porém, que, incontestáveis a nível teórico, são facilmente esquecidas no terreno da prática. A sua mesma afirmação teórica indubitável pode ocultar a sua ausência nas práticas concretas.

No caso da catequese, este risco se avoluma pelo fato de que a verdade que deve constituir o seu centro é uma pessoa singular: Jesus Cristo. De um lado, Jesus, pertence ao passado. O acesso à sua pessoa deve passar pela mediação da figura que emerge dos escritos da fé, legados pela primeira geração cristã: os escritos inspirados do Novo Testamento. Do outro, ao revelar-se como Filho de Deus, como Palavra divina na história, Jesus deve ser confessado presente a cada geração e capaz de atingir, no homem, esse centro do seu ser unicamente acessível ao Mistério transcendente, na imediatez de sua comunicação sacrossanta.

A história da catequese mostra como é fácil cair na ilusão de que assegurando a transmissão de um conjunto de verdades sobre Jesus, ou mesmo da doutrina de Jesus — dos seus *lógia*(2), diriam os exegetas — estaria garantido o encontro e a comunhão com a pessoa de Jesus. Os evangelistas entenderam que as realidades da fé cristã estão marcadas pela "singularidade" da pessoa de Jesus e que,

(1) Cf. nn. 5-11.

(2) Plural de *lógion* (gr.), palavra que pode ser atribuída a Deus. As primitivas comunidades, desde muito cedo, começaram a colecionar os *logia* de Jesus, como palavras divinas. Mas logo compreendem que o próprio Jesus é a Palavra viva de Deus em cuja presença a Igreja vive e sente a necessidade do relato de toda a sua vida. Guardando só as palavras, não se escaparia ao perigo de fazer delas uma doutrina de vida separada da sua pessoa. Essa doutrina acabaria sendo ideologia.

portanto, a sua transmissão não pode reduzir-se à transmissão de uma doutrina. Está refletido nos evangelhos todo um processo pedagógico, que combina a "anamnese" ou memória das palavras de Jesus e dos seus gestos nas terras da Palestina com a sua presença misteriosa na vida de cada homem interpelado pelo Senhor ressuscitado, que se faz gesto e palavra atual através da comunidade chamada a anunciá-lo ao mundo.

O presente artigo quer mostrar isto através de um deles: o evangelho de Marcos. O mais simples, por um lado, e o mais antigo. O mais desconcertante, por outro, para o leitor moderno, que não sabe o que fazer com os demônios que desde o início entram em cena. Mas, talvez por isso mesmo, possa revelar-se assustadoramente atual, porque, embora com outras feições aparentemente, demônios não faltam em nossa realidade atribulada.

2. Singularidade da pessoa de Jesus

Jesus, como foi dito, deve ser confessado presente no mistério da autocomunicação de Deus a cada homem, no âmago da consciência. Isto significa, na expressão de um conhecido teólogo, que "Jesus é a mediação da imediatez de Deus". Mediação nunca suprimível, sob pena de converter o cristianismo em gnose, mas, ao mesmo tempo, mediação que deve possibilitar a experiência da imediatez da comunicação divina: "em Jesus — continua o mesmo teólogo — Deus se entrega à humanidade em forma absoluta"(3). Trata-se pois de confessar a natureza teândrica desta mediação singular, que não pode ser pensada como uma a mais na sequência das mediações que as religiões oferecem ao homem no decorrer da história.

Em termos de catequese, é fundamental a afirmação de Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*: "a evangelização há-de conter também sempre ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo — uma proclamação clara de que em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus"(4). Ou como dizem os bispos latino-americanos, reunidos em Puebla: "É dever nosso anunciar claramente, sem deixar dúvidas ou equívocos, o mistério da Encarnação: tanto a divindade de Jesus Cristo, tal co-

(3) K. RAHNER-W. THÜSING, *Cristología*. Estudio teológico exegético, Madrid 1975, p. 58. A afirmação é de Rahner.

(4) N. 27.

mo a professa a fé da Igreja, quanto a realidade e a força de sua dimensão humana e histórica”(5).

O que não deve ser esquecido, porém, é que o anúncio ou proclamação da salvação do homem em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, se faz — como os documentos mencionados repetem à saciedade — com “toda a vida da Igreja” e tem como finalidade a comunhão do homem com Deus, por Jesus Cristo, no chão concreto em que se desenrolam as lutas cotidianas por uma existência com sentido e dignidade. O reconhecimento do “rosto de Deus” na face humana de Jesus só pode dar-se junto com o reconhecimento de Jesus como libertação divina graciosamente oferecida aos homens.

A confissão de fé do discípulo: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus”, só pode ter lugar como termo de um longo processo pedagógico, que envolve a evocação da figura de Jesus através da paciente e sempre renovada memória do seu caminhar histórico, a vida da Igreja a quem foi confiada a tradição dessa figura e a história do mundo, que encontra na pessoa do Cristo, o seu Libertador. Esta é a grande lição dos escritos evangélicos. E na confluência da imagem da Igreja com a imagem do mundo no olhar do catequizando, ávido de respostas num universo de perguntas angustiantes e questionadoras, que a figura de Jesus pode tornar-se reveladora da salvação de Deus, como o foi para os olhos atônitos dos discípulos na Palestina.

Marcos pode ser um excelente guia neste itinerário, sempre complexo e paradoxal, da gênese da fé cristã. Além do olhar — o evangelista o sabe muito bem — estão nele implicadas as atitudes mais profundas e mais ocultas do homem. Num mundo sob o poder de ideologias dominadoras que, por absolutistas, pretendem ocupar o lugar de Deus, faz-se necessária uma pedagogia de libertação do olhar para que possa voltar-se para a luz que irradia da figura do Revelador.

(5) *Conclusões de Puebla*, n. 175. O inciso “sem deixar dúvidas ou equívocos” revela os temores de alguns Bispos de que isso possa estar acontecendo. Caberia a pergunta de se esses temores nascem de fatos concretos, suficientemente estendidos para merecer destaque num documento dessa altura, ou da falta de compreensão dos novos procedimentos pedagógicos da catequese, mais preocupada com a preparação do catecúmeno (criança ou adulto) para o reconhecimento pessoal de Deus em Jesus Cristo do que com prematuras afirmações dogmáticas que podem ser repetidas sem serem vivenciadas. Para quem o modelo ideal de catequese continua sendo o dos catecismos tradicionais é bem possível que até a linguagem dos evangelistas não seja o suficientemente clara para não deixar dúvidas ou equívocos no leitor.

3. Da "proclamação" da salvação no evento da morte-ressurreição do Senhor à amamnese de Jesus

Marcos é o primeiro testemunho legado pela Igreja primitiva da necessidade da memória de Jesus em referência à situação da comunidade, através de uma narração contínua e articulada, capaz de evocar significativamente a sua figura.

O centro do querigma cristão é sem dúvida a morte-ressurreição de Jesus que inaugura a salvação escatológica. A comunhão com o Senhor ressuscitado, através do dom do Espírito, constitui o grupo de discípulos do Nazareno como comunidade dos últimos tempos, para anunciar eficazmente, até os confins do mundo, a libertação definitiva, durante séculos esperada por Israel e razão de ser toda a sua vocação messiânica.

A referência à figura de Jesus, viva na memória das testemunhas do seu caminhar histórico, esteve sempre presente na proclamação cristã da salvação. É ela certamente que produz, desde os alvares do cristianismo, os relatos sobre Jesus, transmitidos nos começos e aos poucos fixados em escritos para ajuda da memória e reunidos em unidades mais ou menos longas.

Mas à medida que a memória viva de Jesus se vai distanciando do evento histórico que a origina, e aumenta o número de cristãos que não conheceram Jesus nem as testemunhas "oculares", um perigo começa a insinuar-se nas comunidades: a sedução da gnose. Comunidades conscientes de estarem habitadas pela força do Espírito de Deus para a libertação dos últimos tempos e ricas em manifestações carismáticas semelhantes, em aparência, aos fenômenos de "entusiasmo" das religiões helênicas circundantes, podiam tender a interpretar o cristianismo nesse horizonte religioso ambíguo, mas sedutor.

A idéia de um grupo de iniciados nos mistérios divinos, possuindo a chave capaz de decifrar e superar definitivamente os conflitos da história, podia ser, muito bem, a transposição fácil e fascinante, no solo da cultura grega decadente, da comunidade escolhida para o serviço da proclamação definitiva da libertação da história no Cristo, o Senhor da Glória. As cartas de Paulo aos Coríntios deixam transparecer que tais tendências foram uma tentação real para os cristãos(6).

(6) Cf. H. SCHLIER, *Le temps de l'Église*, Tournai 1961, pp. 157-168 e 217-237; RUIZ DE GOPEGUI, *Conhecimento de Deus e Evangelização*, São Paulo 1977 pp. 80-96; C. PALÁCIO, *Jesus Cristo: História e interpretação*, São Paulo 1979, pp. 132-137.

As comunidades joânicas da Ásia Menor deveram sentir perigos semelhantes: a pretensão de uma comunhão com Deus e com o seu Messias, Filho ou Senhor celeste, que não precisasse passar pelo Jesus da história.

Paulo e João advertiram a gravidade do perigo. Converter o cristianismo em gnose significaria a sua negação. O Apóstolo dos gentios afirma com força que o centro da proclamação escatológica da salvação é o crucificado (Cf. 1 Cor 1, 17s). A chamada de volta ao Jesus da história não podia ser mais dramática. João, por sua vez, declara com firmeza que os que "não professam a fé na vinda de Jesus na carne" (ou seja, a identidade do Senhor da Glória ou Messias celeste com o Jesus da história) são "o Sedutor e o Anticristo" (2 Jo 1, 7). Ambos perceberam que o único que pode salvar o cristianismo de converter-se em gnose é a sua referência constante a Jesus de Nazaré.

Não é outra sem dúvida a razão que move Marcos a recolher e organizar numa narração articulada os relatos que circulavam nas comunidades acerca dos eventos e das palavras de Jesus. O seu evangelho não é senão a proclamação pascal da salvação no crucificado, de que fala Paulo(7), em termos de processo catequético capaz de evocar a figura de Jesus e iluminar o itinerário da fé do catecúmeno.

A escritura inspirada de Marcos estabelece assim um princípio fundamental de toda prática evangelizadora: a necessidade de uma catequese constantemente apoiada na anamnese de Jesus, capaz de dar um rosto ao Senhor da glória, que a fé confessa e em torno ao qual a comunidade cristã se reúne, e de caracterizar o engajamento cristão no projeto libertador que nasce da presença, em Jesus, do Reino de Deus. Rosto e caracterização que não podem provir senão da memória, transmitida pela fé, das palavras e dos gestos de Jesus de Nazaré.

4. Os começos da boa nova do Reino

A boa nova do Reino de Deus ou o evangelho de Jesus é uma realidade presente na vida de cada cristão e não apenas memória do passado. Uma realidade que deve ir crescendo no mundo. É para que o homem possa viver essa realidade no hoje de sua existência irredutível, que Marcos o convida a olhar para os seus começos mo-

(7) Sobre os temas paulinos no evangelho de Marcos, plasmados no quadro da existência de Jesus, ver P. LAMARCHE, *Révélation de Dieu chez Marc*, Paris 1976, pp. 9-25.

destos, "como a menor das sementes". Este é o sentido da frase que abre o relato: "Começo da boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus" (1,1)(8). O termo evangelho ou boa nova não se refere ao escrito, que somente mais tarde adquirirá na Igreja este nome, por metonímia, mas ao anúncio da salvação em Jesus Cristo constituído pela vida toda da Igreja. Para que esta boa nova possa manter a sua identidade deve ser pautada pelo seu começo: a trajetória do ministério histórico de Jesus, do batismo à sua morte e ressurreição.

O termo grego *arché* (começo) evoca a abertura do primeiro livro da Bíblia: a gênese ou começo absoluto da criação. É um novo começo, em Jesus Cristo: a nova criação capaz de restaurar todo o universo. Mas ao ser incluída nesse começo a "proclamação" de João Batista, identificada à "voz que clama no deserto" do segundo Isaías, a novidade radical que é o Cristo se insinua germinalmente presente desde o começo de uma história que, marcada pelo pecado, o está mais ainda pela graça redentora. A "voz que clama no deserto" do Livro da Consolação (Is 40, 3) ou, segundo o original hebreu "a voz que clama" para que o deserto se oriente para Sião, é como que a voz de todos os profetas; mais ainda, é a palavra silenciosa da criação feita toda ela profecia da nova criação em Cristo e em virtude de sua presença escondida que guia a história da salvação desde os começos(9).

Olhar para o começo da boa nova tem, portanto, um objetivo bem definido: possibilitar a compreensão do alcance universal e cósmico do chamado que o catecúmeno ou o cristão recebem de Jesus Cristo, para o serviço do Reino de Deus, fonte última da libertação de tudo o que impede a realização plena da vida humana. Este chamado chega ao homem através de uma comunidade cuja fragilidade e resistência à ação do Espírito de Jesus contrasta com a grandiosidade da boa nova que propõe. Uma comunidade, por outro lado, que, mesmo quando consegue, nos seus membros mais autênticos, servir sinceramente à libertação dos homens, é perseguida, caluniada, desprezada ou simplesmente ignorada por aqueles que parecem ter nas suas mãos a direção da história.

Voltando o olhar para os começos que fundam a pretensão evangelizadora da Igreja, para o seguimento de Jesus de Nazaré pe-

(8) Citaremos sempre o evangelho de Marcos sem a sigla *Mc*. Apenas com a indicação do capítulo e dos versículos.

(9) Cf. Is 40, 21 e o comentário de P. BEAUCHAMP em *L'un et l'autre Testament*, Essai de lecture, Paris 1976, pp. 156-162; espec. 159.

los primeiros discípulos, e deixando-se guiar pelo Espírito de Deus, o homem poderá reconhecer no paradoxo desta comunidade santa e pecadora, perseguida e humilhada mas sentindo-se tantas vezes inclinada à dominação, a presença do Senhor ressuscitado que a convida constantemente a uma conversão que consiste fundamentalmente em acolher o caminho do Crucificado como o único caminho dado por Deus para a libertação dos homens.

Chegar à confissão de fé de Pedro — “Tu és o Messias” (Mc 8, 29), pondo no enunciado não já as concepções humanas procedentes de sonhos coletivos de libertação messiânica, num ambiente preñado de expectativas, mas a confiança e a adesão a uma pessoa, nascida do reconhecimento do poder libertador de Deus nos gestos de Jesus, requer um longo itinerário, exemplificado pelo seguimento dos discípulos até Cesaréia de Filipe. Itinerário que não pode ser suprido por simples explicações doutrinárias sobre a “natureza divina e humana de Jesus”. A catequese esquece com frequência que o crescimento na fé é manifestado menos pelos conteúdos enunciados (não se nega a sua importância) do que pelo movimento do espírito que leva à enunciação ou ato de enunciar. O conteúdo do enunciado de Pedro, como será revelado pelo seu protesto perante a revelação do caminho messiânico do Crucificado (Cf. 8, 31s), está ainda muito misturado com as concepções messiânicas terrenas. A enunciação contudo expressa uma adesão a Jesus que quer ser incondicional e que por isso se sujeitará à correção que o próprio caminhar de Jesus até a cruz se encarregará de fazer pacientemente. Tanto assim que Mateus poderá acrescentar ao enunciado de Pedro a designação “Filho de Deus vivo”, como aposto do termo Messias e declarar a procedência última da confissão de Pedro: “Não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus”. (Mt 16, 16s). A explicitação de Mateus atinge o cerne da confissão de Pedro, que independe da reconstrução histórica dos termos exatos da formulação(10).

Marcos prefere não colocar a confissão de Jesus como Filho de Deus em boca de nenhum homem (fora a declaração que o próprio Jesus faz perante o Sumo sacerdote que ditará a sentença condenatória) antes da morte da cruz. Há também aí uma razão catequética: de que serviria confessar Jesus como Filho de Deus, antes de o homem depor os seus ídolos, os seus anseios e atitudes de do-

(10) Cf. M. CORBIN, *L'inouï de Dieu*, Six études christologiques, Desclée de Brouwer 1980, pp. 214-292, espec. p. 260.

minação, projetados e sacralizados no nome sacrossanto? Esta derrocada dos ídolos, através da revelação suprema do verdadeiro rosto de Deus na morte de Cristo, não é a razão de ser da trajetória histórica de Jesus?

As situações de extrema miséria e de marginalidade de populações inteiras na América Latina (um continente em que a maioria da população confessa com os lábios a filiação divina de Jesus) as injustiças sem nome, a oposição e rejeição declarada, por parte de cristãos ligados ao poder político ou econômico, da ação evangelizadora da Igreja que se volta para os pobres, a mentira, a calúnia, os ataques lançados contra os pastores que profeticamente denunciam a injustiça, deveriam ser um grito de alerta para a catequese: Educar para que? Apenas para a afirmação (que pode ser ideológica, como qualquer outra) de Jesus como Filho de Deus ou para a acolhida da libertação divina que se revela em Jesus e que revela definitivamente o verdadeiro rosto de Deus? O itinerário catequético de Marcos aparecerá então com renovada atualidade.

5. Jesus, libertador messiânico e Filho de Deus

A estruturação do escrito de Marcos se manifesta já desde o exórdio, através de uma figura literária – talvez a mais importante e sugestiva do gênio literário dos hebreus(11) – conhecida pelo nome de **inclusão** e que consiste em retomar no fim de um desenvolvimento narrativo ou literário uma palavra ou expressão usada no seu começo, para marcar-lhe os limites e pôr de relevo a sua cerrada unidade estilística(12).

Desde o início do relato Marcos anuncia que se trata da boa nova de Jesus, Cristo (**Christos** é a tradução grega do termo hebraico **masiah**: messias) e Filho de Deus. Na cena do batismo a voz do céu o declarará Filho amado, e os demônios parecem, segundo Marcos, saber ou pressentir a identidade de Jesus como Messias ou Filho de Deus, que deve impor-lhes silêncio. Mas somente, como vimos, em 8, 8 aparece por primeira vez na boca de um homem a confissão de Jesus como Messias. Em 15, 39, já no fim do relato, outro homem, desta vez um pagão, reconhece o crucificado como Filho de Deus, “vendo que tinha expirado deste modo”. Até então nenhum homem havia atribuído a Jesus este título.

(11) Conforme R.G. MOULTON, *The Literary Study of the Bible*, London 1896, p. 53. Citado por D. MÍNGUEZ, em *Pentecostés*, Ensayo de semiótica narrativa en Hech 2, Roma 1976, p. 25.

(12) Cf. D. MÍNGUEZ, o.c. p. 25.

Estas duas grandes "inclusões" da escritura marciana mostram com evidência a sua coesa estruturação literária. Tudo caminha para a confissão de fé cristã pelos discípulos (judeus ou pagãos). Essa fé só pode nascer da revelação que é constituída pelo próprio desenrolar-se da trama do relato sobre Jesus. Relato que se converte em verdadeiro drama, no qual diversas personagens disputam a hegemonia sobre os poderes que regem a vida dos homens. As personagens que contracenam com Jesus, no drama, se agrupam em três categorias: a **multidão**, que fica atônita perante a manifestação do poder de Deus em Jesus e o procura na esperança de ver realizadas as promessas messiânicas; os **discípulos**, aqueles que passam da atitude de simpatia e admiração para um verdadeiro seguimento do mestre; a **oposição**: fariseus, escribas, saduceus, príncipes dos sacerdotes, cujo apego as tradições cristalizadas em mecanismos de dominação os incapacita para acolher a novidade de uma mensagem que revela a igualdade radical de direitos perante o Deus da Aliança e que por isso mesmo se configura como boa nova para os pobres. Aparecem ainda os demônios. Mas, numa leitura teológica, Satanás se revelará mais como uma personagem que pode ser representada por qualquer dos atores que intervêm no drama (cfr 8, 33) ou como a compreensão última e radical das forças que se opõem ao Reino de Deus, do que como mais uma personagem episódica. O drama, nesta leitura teológica, se joga entre duas grandes forças que disputam a história: o Espírito de Deus que se revela atuante em Jesus e o poder de Satanás.

A grande "inclusão" emoldurada pela expressão Filho de Deus, que abrange praticamente a obra toda, permite compreender o projeto de Marcos como a expressão da caminhada, sempre complexa e dramática, da fé cristã. Todo catecúmeno e todo cristão que queira chegar à confissão de Jesus como Filho de Deus, não apenas com a boca, mas com o próprio "viver na verdade" (3 Jo 3s), num mundo que continua opondo-se ao Cristo e condenando-o à morte, deverá, uma e outra vez, percorrer o itinerário da fé dos discípulos, exemplificado na escritura de Marcos, para iluminar a sua própria aventura de seguir o Mestre de Nazaré e aceitar a sua proposta de serviço ao Reino de Deus. Na ambigüidade que ameaça toda vida humana, sentir-se-á solicitado a assumir o papel das diversas personagens que intervêm no drama, e como os discípulos da Galiléia perceberá que não há outro meio para entrar e permanecer na fé do que o caminhar de Cristo, todo ele, desde os primeiros passos, páscua para o Pai através da cruz. Num mundo ancorado em petrifica-

dos mecanismos de opressão, poderia a passagem libertadora para a plenitude da vida divina não passar pela perseguição e a infame condenação à morte? "E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muito, e fosse rejeitado..." (8, 31).

Essa frase precisamente, que segue à confissão de Pedro — "Tu és o Messias", e que de forma sugestiva é iniciada com o verbo "começar", lembrando o termo que abria o relato, marca o começo da segunda grande parte do livro. Trata-se realmente de um novo começo. A primeira parte, a grande "inclusão" definida pela repetição do termo Messias, é a manifestação progressiva, em três etapas(13) do poder libertador de Jesus, a exousía(14), através da sua doutrina, da expulsão dos demônios e das curas. É essa manifestação do poder do Reino, agindo através da pessoa de Jesus, que possibilita a confissão de Jesus como Messias. O novo começo, após o reconhecimento do humilde rabino de Nazaré como o libertador messiânico, está caracterizado pelo ensinamento (que é um anúncio profético) da necessidade de passar pela cruz, num mundo que mata os profetas. É a catequese sobre o caminho de Jesus para a cruz, mas ao mesmo tempo a catequese sobre a moral da nova comunidade constituída por seus seguidores ou sobre os caminhos do serviço cristão à libertação dos homens, libertação que só o Reino de Deus, presente já no Cristo, pode trazer.

A estruturação literária do evangelho de Marcos deixa transparecer, portanto, uma concepção muito refletida da estrutura fundamental de toda catequese que queira ser verdadeiramente cristã. Ela deve explicitar um caminho que o cristão deve percorrer. Daí a singularidade da doutrina cristã. O caminho é Cristo. Não, porém, como modelo do passado. Mas como caminho atualmente percorrido, em companhia de uma comunidade e com a sua ajuda. Por isso a Igreja centrou a catequese, desde a mais remota antiguidade, na anamnese de Jesus. É necessário, contudo, não esquecer a finalidade

(13) Para um estudo da estrutura literária de todo o evangelho de Marcos, ver J. RADERMAKERS, *La bonne nouvelle de Jésus selon Saint Marc*, 1. Texte. 2. Lecture continue, Bruxelles 1974. Pode ver-se também: J. DE LORME, *Leitura do Evangelho segundo Marcos*, São Paulo 1982 ou o comentário clássico de V. TAYLOR, *The Gospel according to St. Mark*. London 1969 (8ª ed.).

(14) Sobre esta leitura da *exousía* ver meu artigo: *A linguagem sobre o Espírito Santo na catequese*, na obra recém lançada pelas Ed. Loyola em homenagem ao P. Henrique C. de Lima Vaz, coordenada por C. Palácio, *Cristianismo e História*, São Paulo 1982, pp. 226-228.

desta anamnese: ela não quer tanto contar uma história do passado, quanto iluminar um caminho do presente. Uma leitura historicista do relato de Marcos perderia o melhor de sua seiva catequética.

6 Anamnese e história ou ausência e presença de Jesus à comunidade

A memória do Senhor Jesus tem como objetivo suscitar o conhecimento de sua presença no hoje de cada existência humana. É uma presença na ausência. Jesus, enquanto ser da nossa história, pertence ao passado; e o passado não volta nem pode ser reconstruído. A historiografia só pode viver de "interpretações" ou releituras sucessivas nunca absolutizáveis. Se o cristianismo dependesse da reconstrução historiográfica da vida de Jesus, seria uma religião muito precária. O "fazer-se carne" da palavra leva consigo o submeter-se às limitações da história. Jesus, enquanto ser da história, o Jesus "na carne", será sempre um ausente para quantos não foram seus conterrâneos.

O cristão, no entanto, sabe que o Senhor ressuscitou e através do seu Espírito continua a reunir a sua comunidade. Sabe que através dela, se faz gesto e palavra para os homens de hoje. Precisamente para que estes gestos "sacramentais" se tornem reveladores da presença-na-ausência de Jesus, a Igreja deve constantemente retomar o relato dos gestos e das palavras do profeta de Nazaré. Sem isto, a proclamação de sua presença atuante diluir-se-ia paulatinamente no mito, na gnose ou na ideologia.

Esta presença-na-ausência de Jesus determina a singularidade do relato. Não pode ser um simples contar-a-história. Isto apenas denunciaria a ausência. Tampouco pode ser o simples iluminar da vida atual da comunidade com alguns princípios doutrinários ou mesmo com algumas palavras de Jesus isoladas da sua pessoa, fazendo a partir daí uma teologia sobre a ação do Ressuscitado. Por esse caminho a presença se tornaria ideológica. O relato evangélico é "memória da fé" para ajudar o discernimento da ação do Kyrios ressuscitado no hoje de cada comunidade cristã. É por isso que é Palavra de Deus que interpela na imediatez de uma presença incontornável.

A narração terá sempre dois planos: o tempo presente da comunidade convocada pelo Senhor e o tempo paradigmático da Palavra feita carne, história humana concreta, em Jesus de Nazaré. Assim, por exemplo, a Galiléia é no evangelho de Marcos, geograficamente, a região que presenciou os alvares da manifestação libertadora de Jesus, o chamado e o seguimento dos primeiros discípulos, e a

admiração entusiástica das multidões; simbolicamente, é a comunidade atual dos cristãos em que o Senhor continua a chamar os discípulos, a instruí-los, a manifestar o seu poder salvador. É nessa comunidade que será possível o seguimento do Senhor, a experiência de sua presença, após a morte, conforme a sua promessa: "Depois que eu ressurgir, eu vos precederei na Galiléia" (14, 28; cfr. 16, 7) (15). É aí que o cristão pode "ver" o Senhor, através da memória da fé que é o relato evangélico.

Que este não seja mera biografia ou reconstrução imaginada do passado é óbvio. A Igreja está totalmente voltada para o Senhor que a interpela no hoje de sua vida, enviando-a como mensageira da boa nova do Reino: como poderia ela ter a distância e o interesse do historiógrafo que analisa com imparcial frieza os documentos do passado na tentativa de chegar a uma hipotética reconstrução dos fatos? E contudo, uma vez que as comunidades cristãs querem escutar a voz do Senhor, sem confundí-la com a própria voz e muito menos com a voz de tantos falsos profetas que querem apropriar-se da figura de Jesus para apoio de suas próprias ideologias, a anamnese de Jesus, precisamente por nascer da fé, está percorrida axialmente por uma fidelidade ao acontecido com Jesus de Nazaré que vai muito além da descrição minuciosa de eventos, datas, lugares e palavras, para atingir a verdade de Deus, que por sua condescendência, se revela definitivamente em tais eventos: a Verdade que é o próprio Jesus.

Esta verdade, embora se manifeste em lugares geográficos, não reside na geografia, para centrar-nos num exemplo. Falamos da Galiléia como lugar simbólico. Jerusalém o será também: no relato de Marcos simboliza a oposição a Jesus, até a morte. Entre os dois lugares Marcos colocará apenas uma longa caminhada da Galiléia a Jerusalém. Se se acrescenta "o deserto" em que se desenvolvem o ministério profético do Precursor, o batismo de Jesus e as tentações, e que simboliza o povo eleito (com uma alusão a toda a caminhada relatada pelo Antigo Testamento) cuja missão é apresentar e preparar o caminho de Jesus(16), estão completos os quatro cenários em que se desenvolve o drama de Jesus, segundo a narrativa de Marcos.

(15) Sobre os lugares geográficos do evangelho de Marcos e sua significação teológica ver a tese doutoral de F. de la CALLE, *Situación al servicio del kerigma*, Quadro geográfico del Evangelio de Marcos, Salamanca-Madrid 1975. Também: *Teologia de Marcos*, São Paulo, 1978.

(16) Cf. De la CALLE, *Situación...*, o. c. pp. 31-70.

Simplificação? Em termos de historiografia certamente. Jesus fez várias viagens a Jerusalém, conforme o testemunho de João(17). Simplificação, no entanto, ao serviço do querigma. O interesse de Marcos é iluminar a caminhada da fé do homem interpelado hoje pelo Senhor. Catequeticamente a simplificação serve para pôr de relevo a significação permanente, para o itinerário da fé, do caminhar histórico de Jesus.

Quatro aspectos fundamentais deste itinerário são assim realçados pelos quatro cenários geográfico-teológicos de Marcos:

- 1) para reconhecer Jesus como enviado definitivo de Deus é preciso entender sua relação com a caminhada profética de Israel e, para o não Israelita sobretudo, com toda procura religiosa da humanidade;
- 2) é preciso também acompanhar a manifestação do poder libertador de Jesus (a *exousa*) através do seu domínio sobre o demônio, a doença e todos os poderes que ameaçam a vida do homem e saber discernir, através das parábolas, a divisão que esta ação de Jesus cria nos ouvintes, cuja resposta vai da acolhida incondicional até a rejeição declarada. Este discernimento se realiza na "Galiléia", na comunidade atual que rememora os tempos da manifestação messiânica de Jesus na Galiléia, para iluminar a sua própria vida.
- 3) após a confissão de Jesus como a libertação de Deus, faz-se necessário um longo "caminhar para Jerusalém" — um longo itinerário catequético que faça compreender por que o serviço eclesial à libertação do Reino se configura como seguimento de um condenado à morte;
- 4) lendo o processo condenatório de Jesus — processo que tem lugar no mundo e na situação concreta de cada cristão — à luz da anamnese eclesial dos acontecimentos de Jerusalém, o cristão aprende a ver o juízo de Deus que inverte as sentenças: as forças que se opõem ao evangelho, simbolizadas por Jerusalém e todo o seu sistema religioso-político, são condenadas, e na morte de Jesus tem lugar a revelação suprema de Deus e do seu caminho de libertação que é o Cristo; o seu corpo crucificado, que é simbolicamente o véu do templo rasgado, abre o acesso de todos (até dos pa-

(17) Apesar de ser muito livre nos desenvolvimentos teológicos, João, conforme o parecer cada vez mais unânime dos exegetas, está muito mais próximo da realidade histórica em alguns pontos. Concretamente neste dos deslocamentos geográficos de Jesus ao longo do seu ministério.

gãos) à intimidade de Deus; o Espírito é dado e nasce a certeza de que o crucificado vive e precede a comunidade (cfr 16, 7), que, pela anamnese dos seus gestos, procurará discernir constantemente os caminhos da sua práxis cristã libertadora.

A atenção aos dois planos da escritura evangélica — memória histórica de Jesus e vida atual do cristão — supera a falsa problemática da catequese que opõe vivência à doutrina. A doutrina cristã é sempre, desde a sua concreção nos escritos neotestamentários, expressão da vivência da fé à luz do evento que a funda: Jesus, Cristo, Filho de Deus.

7. O Poder do Reino agindo em Jesus

A expulsão dos demônios e os milagres ocupam uma parte considerável do evangelho de Marcos. À primeira vista, eles ocupariam o centro da práxis messiânica de Jesus. Para Marcos a ação libertadora de Jesus se manifesta na expulsão dos demônios, assim como a sua ação salvadora na cura dos doentes e, no limite na reanimação ou ressurreição de alguns mortos. Exorcismos e curas são manifestações do poder do Reino, da *dynamis* do evangelho (força de Deus para todo aquele que crê, Rom 1, 16), já presente no mundo na pessoa de Jesus.

Uma leitura superficial do relato levaria facilmente a uma religiosidade centrada na imploração de "graças" e praticamente limitada aos casos-limite, em que não há saída através dos recursos humanos. É a leitura tão explorada hoje em tantas "capelas da bênção", "tendas da libertação" ou movimentos semelhantes. Mas não seria menos superficial a leitura que visse nesses relatos apenas resíduos desprezíveis de uma mentalidade primitiva. A primeira leitura isola os relatos de milagres e exorcismos e prescinde da sua inserção no conjunto da escritura marciana. A segunda praticamente os suprime. As duas perdem a sua significação por não prestarem a devida atenção à singularidade irredutível da anamnese da fé. E o desconhecimento das leis da "memória da fé" como única via de acesso a Jesus as afasta também da sua realidade histórica na medida em que esta pode ser conhecida através daquele caminho.

a) A expulsão dos demônios

Não é por ingenuidade ou por desconhecimento da origem das doenças psíquicas que Marcos dá tanta importância à expulsão dos demônios por Jesus. A ciência pode ter toda a razão quando crê

poder identificar os sintomas de certas doenças psíquicas nos endemoninhados apresentados pelas narrações evangélicas. O progresso no conhecimento das influências da demonologia da Mesopotâmia nas crenças populares de Israel e conseqüentemente no revestimento cultural da fé bíblica pode, por outro lado, lançar dúvidas sobre se a existência de seres espirituais decaídos — os demônios — pertence à verdade revelada ou é apenas uma forma histórica de interpretar o dado bíblico devida ao conhecimento inadequado dos condicionamentos culturais da sua expressão. Maiores ainda podem ser as hesitações sobre a possibilidade de tais seres tomarem posse da psique do homem(18). Pois bem, nada disso afetaria a realidade teológica que Marcos quer atingir ao fazer da expulsão dos demônios ou de Satanás por Jesus um ponto central do seu relato.

Satanás, para Marcos como para Jesus, é antes de mais nada, e independentemente de sua concreção cultural na crença popular numa série de seres capazes de dominar o agir do homem, a expressão simbólica da experiência ou, melhor, do conjunto de experiências do mal, capaz de escravizar e desumanizar o homem até o ponto de privá-lo do exercício daquilo que o constitui como homem: a sua liberdade. E note-se que ao caracterizar-se de "simbólica" a expressão, não se nega a realidade do seu conteúdo. Precisa-se a forma de linguagem com que se fala dessa realidade. A cultura ocidental o faria de outra forma, mas atingiria melhor o cerne da questão? Uma vez que se trata de "juntar" uma série de experiências e exprimir "teologicamente", ou seja, à luz da fé em Javé como Senhor da história, a raiz mais profunda do mal presente em todas elas, não será o símbolo a linguagem mais adequada e intuitiva para isso? *Symbállein*, em grego, significa "unir o que foi destacado" e o problema está precisamente em expressar (e não precisamente explicar) a partir de um caso a misteriosa realidade do mal que transcende não só cada caso, mas a soma de todos eles, as estruturas sociais em que o mal cristaliza, os condicionamentos psíquicos que ele deixa ou, em suma, qualquer das suas concreções históricas.

Se o mal se identificasse com alguma dessas realidades, por complexas que elas fossem, o homem teria nas suas mãos o poder de dominá-lo prometicamente. Mas é precisamente isso que a expe-

(18) Este assunto mereceria certamente um estudo mais longo. Ver o excelente artigo de J. I. GONZÁLEZ FAUS, *Jesús y los demonios*, Introducción cristológica a la lucha por la justicia, em *Estudios eclesíasticos*, 52(1977) 487-519.

riência religiosa do povo hebreu "intui" que deve ser negado. Fala-se de intuição (no plano fenomenológico) em oposição a explicação (o mistério do mal não tem explicação) por falta de outra palavra mais adequada. Essa espécie de intuição, no entanto, nasce do olhar que contempla o mistério ou o absurdo do mal à luz de Deus. Em termos teológicos deve-se falar de "revelação".

O objeto da revelação, porém, não é tanto o mal quanto a sua relação com o mistério da salvação divina. O mal certamente não provém de Deus. Só pode ter sua origem na liberdade (humana ou qualquer outra liberdade criada que possa existir). Sendo porém esta liberdade "abertura para a comunhão" com Deus e com todo o universo criado, devido à gratuita vocação divina, a introdução do mal pelo caminho da liberdade criada afeta, de alguma forma, todas as outras liberdades. Inicia-se algo assim (e isto vale para qualquer ato livre perverso) como uma desintegração atômica em cadeia. O processo do mal supera as suas causas. Escapa ao controle do homem. Só Deus pode detê-lo. O homem só pode fazê-lo crescer. Tornar-se Satanás (cfr 8, 33): identificar-se com essa força cuja raiz e cujas consequências transcendem as suas próprias possibilidades para o mal. Jesus, porém, venceu Satanás. Eis o eixo da revelação cristã a respeito do mal. Por isso o homem pode lutar contra ele (19).

A memória de Jesus exorcista, transmitida pelo relato de Marcos, revela-se assombrosamente atual para uma Igreja empenhada em lutar contra as escravidões que dominam e desumanizam a vida de milhões de homens indefesos. E revelar-se-á tanto mais atual, quanto mais aguda for no cristão a consciência da profundidade desse mal que, encarnado em estruturas sociais iníquas, em comportamentos esquizofrênicos, em hábitos inveterados, em ideologias alienantes, deve ser combatido inteligentemente em todos esses terrenos, mas ao ser vencido em qualquer de suas cristalizações históricas se mostra transcendente a elas ao reaparecer com crueldade maior (cfr Mt 12, 43-45). Pense-se, por exemplo, nas formas de violência cada vez mais sutis e refinadas num mundo que proclama como irrefutável a necessidade da convivência pacífica; ou nas inúmeras e dis-

- (19) No artigo citado, González Faus lembra que "en su discurso contra los griegos, Taciano expone una demonología más o menos semejante a la de la antigüedad; pero el sentido último que le da es este: como los demonios están vencidos, nosotros podemos vencer el mal y no hay que recurrir al hado para resignarse ante él" (p. 511; cf. *Oratio adversus graecos*, 7-19). A idéia mais comum do demônio, entre nós, não se revela totalmente antievangélica, por servir tantas vezes ao fatalismo resignação passiva perante o mal?

farçadas formas de escravidão num mundo que pensou tê-la abolido para sempre.

O relato evangélico, ao mostrar Jesus chegando a raiz do mal, longe de afastar o homem dessas lutas, convida-o a vigiar sempre, após cada vitória parcial, e dirigir sua atenção ao inimigo que estava por trás da fortaleza que lhe foi arrebatada, porque pode infiltrar-se subrepticialmente no próprio campo. Para isso é preciso, em toda luta, atingir o nível em que o homem se encontra em face de Deus. Nesse nível — esta é a mensagem catequética de Marcos — só Jesus é “mais forte” (cf. 3, 27 e 1, 7) que o inimigo. Sem a força do Reino de Deus, que se manifesta em Jesus, não haveria esperança para o homem.

Em termos de catequese é fundamental o seguinte: assim como não se pode fazer de Deus um recurso apenas para o âmbito onde acabam as possibilidades humanas, também não se pode fazer da figura bíblica de Satanás, o Inimigo(20), um alibi para tirar do homem a responsabilidade pelo crescimento na história do mal até graus de crueldade que assustam àqueles mesmos que o desencadearam. Visto o problema deste ângulo é praticamente irrelevante toda discussão sobre a existência, natureza e possibilidade de outras liberdades pervertidas além da humana. E depois de analisar o dado bíblico e as declarações do magistério a respeito, ninguém pode honestamente dar, com absoluta certeza, uma resposta afirmativa ou negativa. A catequese, a não ser que seja questionada a respeito, não precisa entrar neste debate; e se questionada, deve singelamente apresentar os dados da revelação e do magistério e mostrar que a Igreja não sabe tudo a respeito do além, embora conheça pela revelação de Deus tudo o que é necessário para caminhar para Deus e vencer o mal. A tarefa catequética realmente urgente, em ambientes dominados por imagens fantasiosas de milhares de espíritos daninhos dos quais é preciso defender-se com ritos mágicos, seria libertar o homem dessa obsessão alienante que chega a adquirir a feição bíblica de posse diabólica, ajudando-o a reconhecer o verdadeiro lugar onde se manifesta e deve ser combatido, o poder de Satanás.

b) A cura das doenças

Rememorando a ação exorcista de Jesus que “amarra Sata-

(20) O termo hebraico *satan*, que na Bíblia aparece quase sempre com artigo significa adversário, inimigo ou acusador. Sobre a evolução das idéias a respeito da origem do mal e sua ligação com a figura do *satan* ver J. L. McKENZIE, *Dictionaire of the Bible*, New York-London, 1973, v. *Satan* pp. 774s. Ver tb. o v. *Demon*, *Demonology* pp. 191-194.

nás" (cfr 3, 27) para arrancar do seu poder dominador os homens e assim abrir o caminho para o Reino de Deus, a Igreja diz a sua própria práxis libertadora, o seu serviço à libertação do Reino presente no Cristo. Para configurar melhor essa práxis é transmitida também a ação taumatúrgica do Mestre de Nazaré.

Jesus fez milagres. Sempre em favor dos homens que, em situações desesperadas, acodem a ele em busca de salvação. Nunca apenas para mostrar superioridade ou poderes maravilhosos. Cura os doentes, chega a reanimar alguns mortos, devolve a vista aos cegos, alimenta as multidões famintas (do pão, mas sobretudo da Palavra que é ele próprio), vem em auxílio dos discípulos ameaçados de serem engolidos pelas ondas encrespadas do mar (que na simbologia oriental é o lugar das forças caóticas que ameaçam a criação e sobre as quais só o Deus criador tem poder).

Conforme a memória eclesial de Jesus, ele próprio viu nas curas que o Pai realizava pelo gesto das suas mãos a presença libertadora do Reino: a boa nova dos oráculos de Isaías caminhando entre os pobres (cf. Mt 11, 2-6; Is 26, 19; 29, 18s; 35, 5s). Os milagres, na sua maioria realizados em favor de pobres, são o "clamor do Reino" (21) que se tornou próximo em Jesus (cf. 1, 15).

Como poderá a catequese mostrar isto sem recair na atitude tão enraizada no povo de ver a ação Deus apenas nas manifestações maravilhosas do seu poder? O próprio Marcos nos orienta nesta tarefa através do chamado "segredo messiânico" que, embora tenha uma origem primeira na atitude de Jesus, é na escritura do evangelista o recurso literário que serve para mostrar os verdadeiros caminhos do Reino e a significação teológica do messianismo de Jesus. Jesus manda guardar segredo às pessoas que reconhecem esse clamor do Reino na sua ação terapêutica, exorcista, taumatúrgica ou epifânica. Todas elas, porém, divulgam ou "proclamam" a notícia (*ton logon*). Mas acontece que *ho logos* é na linguagem eclesial refletida no Novo Testamento "a palavra", "a boa nova", o próprio evangelho. No duplo plano a que se refere a narração, a lógica de Marcos é perfeita. O evangelho deve ser proclamado na Igreja, mas o evangelho é todo o caminhar de Jesus até a morte e não a divulgação precipitada, e isolada do contexto, desta ou aquela ação ou manifestação epifânica de Jesus:

(21) *Clamor do Reino* é o título da recente obra de GONZALEZ FAUS sobre os milagres de Jesus (Salamanca 1982). A ela remetemos o leitor para maior esclarecimento deste tema. Ver também X. LÉON-DUFOUR (ed): *Les miracles de Jésus*, Paris 1977.

A catequese, por outro lado, deverá superar a mentalidade racionalista que vê no milagre uma "ação contra as forças da natureza", para ver nele, segundo a mentalidade bíblica, um sinal que antecipa a meta para a qual a natureza deve caminhar na medida em que o homem acolhe na sua história a vocação divina para o Reino. (cf. Rom 8, 18-25). Os milagres de Jesus apontam para a "nova criação", fruto do Reino. O Segredo messiânico, no que diz referência aos milagres, indica que a solução para afastar os perigos que ameaçam a vida humana não está neles, mas na acolhida do Reino de que eles são sinais. Na medida em que os homens, acolhendo a boa notícia do Reino, se empenharem na luta contra a doença, a fome, a cegueira, a marginalização(22), elas irão recuando e cedendo o lugar à vida em plenitude e em comunhão fraterna.

A fé cristã nasce do reconhecimento da ação de Deus, através do Senhor ressuscitado presente na vida e nas práticas de uma comunidade que se diz animada por seu Espírito para levar aos homens a boa nova de um mundo novo, em que a vida de todos possa crescer, em amor e liberdade. Para tanto, os cristãos devem empregar todos os recursos legítimos que a cultura moderna oferece. Mas a origem de sua confiança na força libertadora da sua práxis está no fato de que a vida humana, tão franzina, tão dura, tão arrastada para milhões de pobres, foi tocada pelo gesto vivificante de Jesus, a Vida dos homens, nos paralíticos, nos coxos, nos cegos, nos leprosos, nos curvados da Palestina.

A Igreja, no entanto, não pode evangelizar se não é constantemente evangelizada por seu Senhor. O relato dos gestos libertadores de Jesus, meditado uma e outra vez na comunidade, perante os desafios das situações sempre novas que oprimem os pobres, é a única possibilidade dada aos cristãos para o discernimento do caráter "evangélico" (no sentido etimológico da palavra) da sua práxis. Não há outro caminho para a catequese.

8. Concluindo sem concluir: O seguimento de um condenado à morte, lugar do discernimento cristão

Este artigo deve acabar quando apenas está começando. Não podia ser de outra forma: porque se ele defende a tese de que o único caminho para a catequese é a memória sempre renovada das pala-

(22) Uma marca quase sempre presente nas pessoas curadas por Jesus e nos endemoninhados dos quais expulsa os demônios é a sua marginalização da sociedade judaica e mesmo da comunidade religiosa. A ação de Jesus aparece como uma reintegração dessas pessoas na vida comunidade.

bras e dos gestos de Jesus, do seu caminhar que é, do início até o fim, páscoa libertadora, não poderia resumir em poucas páginas o que só poderia ser explicitado no decorrer de um comentário (que deveria ficar sempre aberto) ao texto da escritura inspirada de Marcos. Os milagres e exorcismos de Jesus como sinais da libertação e da vida do Reino são apenas o ponto de partida de um roteiro sempre inspirador, como afirma o título do artigo.

O tema deverá ser retomado em futuros trabalhos, mas já que se falou na memória eclesial de Jesus como lugar de discernimento da práxis cristã, vale a pena antes de concluir mostrar como, para Marcos de igual forma que para Paulo, o crucificado do Gólgota é o foco de convergência de todo raio de luz procedente dos gestos de Cristo. Só depois de passar por este foco poderão todos esses raios, num processo de expansão divergente, iluminar o mundo.

O pivô central⁽²³⁾ do relato marciano é a confissão de Pedro com a definição do caminho cristão como seguimento do Messias crucificado, confirmada pela voz do céu na cena da transfiguração. "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (8, 34). Será preciso lembrar o costume de os condenados à morte de cruz carregarem o instrumento de seu suplício, para captar todo o realismo da afirmação de Jesus? Querer seguir Jesus no caminho messiânico de libertação significa, hoje como ontem, aceitar ser um condenado à morte. Compreende-se agora por que é preciso aos discípulos que viram a sua glória guardar segredo "até quando o Filho do Homem ressuscitar dos mortos" (9, 10).

Num ambiente tenso de expectativas messiânicas, misturadas com sonhos nacionalistas ou com legítimas aspirações de emancipação política, encarnadas em diversos movimentos libertários, proclamar Jesus como o Messias esperado para libertação de Israel antes de ter seguido o seu caminhar até a cruz, só serviria para fechar o coração do homem à revelação de Deus constituída por seu caminho singular.

Não que Deus tenha predestinado seu Filho para a cruz. A cruz nasce da oposição que o caminho de libertação de Jesus encontra num mundo regido pela lei da dominação. Nessas circunstâncias, Jesus prefere morrer a matar: seguir seu caminho de serviço radical, sua obediência ao Deus que é amor, até a morte. Há coisas que se podem forçar na história, da qual o cristão não pode fu-

(23) Ver em RADERMAKERS, o. c. 1, pp. 37-40 e 2, pp. 213-237 a estrutura narrativa deste "pivô central" do relato de Marcos, que vai de 8, 27 a 9, 13, e a sua esmerada construção literária.

gir, é o campo da coação (mesmo que não seja mais que a coação da lei imposta pelo voto democrático da maioria; mas afinal coação, embora justa, para o resto). O Reino de Deus só pode vir como dom de Deus, que deve ser acolhido com coração de criança (10, 15). Alguns, então como hoje, queriam arrebatá-lo pela violência. Este seria, segundo Ch. Perrot, o sentido do enigmático *lógion* de Jesus: "Desde os dias de João Batista até agora, o Reino de Deus é objeto de violência e gente violenta o arrebatava" (Mt 11, 12). "Quem são estes violentos — afirma o exegeta — que tomam pela força o Reino, senão estes profetas, pensamos nós, mais ou menos messiânicos e estes enganadores?" (24) Que tais falsos messias foram, nos tempos de Jesus como nos dias de Marcos, uma ameaça à compreensão do caminho do crucificado é atestado pelo discurso escatológico que se estende por todo o capítulo 13 do evangelho (25).

Mas quem será capaz de compreender isto senão aquele que, fazendo de toda a sua vida um serviço à libertação dos irmãos, para seguir a Cristo, começa a suspeitar, perante a oposição de um mundo alicerçado na violência (embora leve nos lábios sempre o nome da ordem e da paz), que deve aceitar caminhar na vida como um "condenado à morte".

(24) Ch. PERROT, *Jésus et l'histoire*, Paris 1979, p. 187.

(25) Messianismo e escatologia vão necessariamente juntos, porque ambos os conceitos apontam para a realização plena e definitiva das esperanças que nascem e crescem na história dos homens. As dificuldades que sempre cercarão a compreensão cristã dessas realidades, centrais na revelação bíblica, se situam em torno ao problema da relação entre a história e a sua realização transcendente, que, sendo Deus, se faz história no Cristo. O capítulo 13 de Marcos apresenta a morte do Cristo na cruz como o começo dos fins dos tempos. Não há, por isso, fórmulas simples para o relacionamento dessas duas realidades que se unem no Cristo sem confundir-se. Política ou construção da cidade terrena e Reino de Deus estão intimamente unidos sem confundir-se. Fazer do evangelho uma política tiraria desta todo realismo e eficiência, porque a política, antes da aceitação plena do Reino por *todos* os homens, não pode caminhar sem uma dose considerável de coação. Fazer de um sistema político evangelho da salvação escatológica só pode levar à tirania do poder. Desinteressar-se de uma destas duas realidades ou considerá-la irrelevante para o caminhar da história, equivale a optar por um dos membros do dilema. Só o crescimento do Reino pode ampliar na política o âmbito da liberdade, e só o realismo da ação política pode tornar socialmente relevante a força libertadora do Reino — o amor do Espírito de Deus que habita o coração do cristão. Aceitar isto tem algo a ver com a aceitação do caminho do crucificado, e só à luz da anamnese desse caminho pode o cristão fazer os discernimentos necessários para que a boa nova de Jesus não seja uma palavra vã.

Não esqueça porém a catequese que a sua função não é fazer disto uma "teoria". Contente-se com ser, como o jovem do sepulcro na manhã da Ressurreição, o anjo ou mensageiro intérprete(26) que remete o discípulo ao lugar onde o Senhor virá ao encontro dele: à Galiléia, à memória, sempre reiterada na comunidade, dos eventos da sua vida, através da escritura evangélica. Catequizar não é substituir a Palavra viva presente na escritura inspirada por uma doutrina morta, mas capacitar o cristão para uma compreensão cada vez mais penetrante do Evangelho, uma e outra vez proclamado no hoje da comunidade precedida pelo Ressuscitado. Qualquer outra via, equivaleria a procurar o Senhor no sepulcro.

ENDEREÇO DO AUTOR:

Av. S. Francisco, 1645
Cx. P. 5047 - Venda Nova
30.000 - Belo Horizonte, MG

(26) Cf. P. BENOIT, *Exégèse et théologie*, III, p. 279. Este *Angelus Interpres*, familiar à Bíblia, não é o próprio relato da memória de Jesus interpretando para o leitor a experiência das mulheres perante o sepulcro vazio?